

METROPOLITANA



Copland Ravel Franck

Orquestra
Académica
Metropolitana

**QUI
27 JAN
21H00**

FÓRUM
MUNICIPAL
LUÍSA TODI,
SETÚBAL

João Moreira
Trompete

Sara Dias
Corno inglês

Vítor Vieira
Violino

Jean-Marc Burfin
Maestro



Jean-Marc Burfin © David Rodrigues



FUNDADORES



MECENAS
PRINCIPAL



PATROCINADOR
PRINCIPAL



PATROCINADORES



PARCEIROS MEDIA



Copland Ravel Franck

Aaron Copland (1900-1990)

Quiet City (1939; 1941)

(duração aproximada: 9 min.)

Maurice Ravel (1875-1937)

Tzigane (1924)

(duração aproximada: 10 min.)

César Franck (1822-1890)

Sinfonia em Ré Menor, FWV 48 (1886-1888)

(duração aproximada: 42 min.)

I. *Lento - Allegro non troppo*

II. *Allegretto*

III. *Allegro non troppo*

Torne-se Amigo da Metropolitana

Janeiro a Julho 2022

CARTÃO - 50€

+ Info: www.metropolitana.pt

relacoespublicas@metropolitana.pt | 21 361 73 20





Aaron Copland | Foto de Victor Kraft | Fonte: Wikimedia Commons

Quiet City

Quiet City é uma curta peça musical para trompete, corne inglês e orquestra de cordas. Reúne excertos originalmente compostos para um espetáculo teatral homônimo que subiu à cena em 1939, em Nova Iorque. O enredo desenvolvia-se em torno dos dilemas existenciais de um homem de negócios que havia renegado o idealismo da juventude e a aspiração de ser poeta. A música de Copland «retrata» a mundividência desta personagem e oferece cenário para uma recriação bucólica da cidade.

Enquanto projeto teatral, *Quiet City* não foi bem sucedido, terminando ao fim de poucas representações. Porém, Aaron Copland não permitiu que a música que compôs para o mesmo fosse, também ela, votada ao esquecimento. Prontamente, preparou uma versão de concerto a partir dessa partitura cuja instrumentação original indicava dois clarinetes (dobrados por um clarinete baixo e um saxofone), trompete e piano. Em palco, o som do trompete aparecia indicado nas próprias didascálias, reportando ao subconsciente atormentado do protagonista. A música de Copland traduzia o sentimento de solidão num espaço urbano, como se retratasse a comoção introspectiva que se esconde por detrás do bulício da cidade.

Assim, a obra renascia na versão que conhecemos hoje: para trompete, corne inglês e ensemble de cordas. São pouco menos de dez minutos de música que correspondem a diferentes momentos da peça teatral. Mas os sucessivos segmentos entrelaçam-se sem as interrupções que se esperaria de uma suíte desta natureza. Esta divide-se quase imperceptivelmente em sete episódios que percorrem impressões poéticas da cidade, a quietude da noite, as divagações nostálgicas de uma personagem intimamente perturbada e inquieta. No conjunto, formam uma estrutura simétrica que se reconhece no aproximar do fim, quando se ouve praticamente a mesma música do início.



A violinista Aranyi Jelly em 1922. | Fonte: Wikimedia Commons

Tzigane

***Tzigane* é uma rapsódia concertante que foi estreada em abril de 1924 em Londres, na versão original para violino e piano. A adaptação para violino e orquestra, realizada pelo próprio compositor, Maurice Ravel, seria apresentada em Paris poucos meses mais tarde. Em ambas as ocasiões, a parte de violino foi interpretada pela violinista húngara Jelly d'Aranyi, sobrinha-neta de Joseph Joachim, o célebre violinista e colaborador de Brahms.**

Tzigane de Maurice Ravel é uma das peças mais impressionantes do repertório para violino. É exemplo do culto pelo exotismo que ainda se sentia nas primeiras décadas do século passado, no caso baseando-se em melodias e ritmos característicos da música tradicional das comunidades ciganas centro-europeias. É curioso que o músico francês se tenha

interessado pela cultura cigana. A razão chama-se Jelly d'Aranyi. Tudo teve origem numa soirée musical que aconteceu na capital inglesa em 1922, quando Ravel conheceu a violinista. O compositor pediu-lhe então que tocasse algumas melodias tradicionais da Hungria e logo percebeu que poderia dali resultar uma peça de concerto. Para lá disso, teve ainda contacto com as *Rapsódias Húngaras* para piano de Franz Liszt, que também o ajudaram a consolidar a ideia.

Trata-se de uma composição aparentemente insólita no catálogo do compositor. Notoriamente, dá grande destaque ao aparato virtuosístico do solista. Nesse sentido, foram muitos os que fizeram a comparação pejorativa com uma simples colagem de efeitos e apontaram a ausência de qualquer vínculo afetivo entre o compositor e a obra. Há, porém, um aspeto que coincide com o seu percurso criativo, designadamente a propensão para aludir

musicalmente aos mais diferentes arquétipos estilísticos e identitários – basta lembrar a *Rapsódia Espanhola*, *Le tombeau de Couperin* ou o Concerto para Piano em Sol Maior.

Neste caso era invocada a música cigana. Como principais características deste estilo de música, ressaltam alternâncias abruptas entre secções com tempo rápido e outras extremamente lentas. Por isso, *Tzigane* tem início com uma inesperada *cadenza* do solista, como se fosse uma improvisação em que sobressaem passagens rápidas que percorrem diferentes tessituras, harmónicos desafiantes e cordas duplas. Genericamente, a peça divide-se em duas partes. A primeira é, portanto, protagonizada pelo violino solo, com fraseios que reportam aos artificios de uma cultura cigana idealizada. As melodias que são aí apresentadas reaparecem adiante recriadas nas sucessivas variações que formam a segunda parte.



César Franck, Fotografia de Pierre Petit | Fonte: Wikimedia Commons

Uma Sinfonia Francesa

Quando se fala de Sinfonia, os primeiros nomes que nos ocorrem pertencem a compositores alemães e austríacos (tais como Beethoven, Brahms, Bruckner ou Mahler), e não franceses. Com efeito, no século XIX, a música orquestral sinfônica não era igualmente apreciada em França. Ainda assim, houve exceções notáveis, tais como a *Sinfonia Fantástica* de Hector Berlioz ou a *Sinfonia em Ré Menor* de César Franck.

Na segunda metade do século XIX, não querendo um músico enveredar pela carreira de intérprete virtuoso, a melhor maneira que tinha para se tornar célebre era compondo óperas. Durante o Segundo Império Francês (1852-1870), Paris tinha-se tornado um centro de modas que confiava grande importância ao entretenimento público. No que respeita à música, a *Grand Ópera* satisfazia esse gosto, não deixando grande margem para a música de câmara ou para a música sinfônica, os géneros para os quais César Franck era mais dotado. Nestes domínios, fazia-se

acompanhar de compositores como Camille Saint-Saëns e Vincent d'Indy.

Um dos contributos mais importantes para o «renascimento» da música orquestral francesa foi a fundação em 1871 de uma instituição, a Société Nationale de Musique, que tinha como objetivo promover a música dos autores franceses alinhados com a tradição musical mais clássica. Porém, numa época em que os ideais nacionalistas fervilhavam na Europa (países como a Grécia, a Bélgica, a Itália e, sobretudo, a Alemanha eram muito recentes), defender a música orquestral «pura» gerava equívocos. Por um lado, protegia os compositores franceses, o que tinha grande aceitação popular. Por outro, assumia como modelos os músicos germânicos do passado, o que já não era tão conveniente, pois a França acabava de sofrer uma derrota humilhante diante dos alemães na Guerra Franco-Prussiana, provocando a dissolução do regime e a instauração da Terceira República.

Anos mais tarde, quando em fevereiro de 1888 César Franck fez estrear a Sinfonia

em Ré Menor no Conservatório de Paris, os sentimentos nacionalistas ainda estavam exaltados e terão impedido que a aceitação da obra fosse consensual. Acrescia que César Franck tinha assumido a presidência da Société Nationale de Musique em 1886, e que uma das alterações introduzidas foi a aceitação de compositores de diferentes nacionalidades. Apesar da aprovação dos músicos mais próximos, o sentimento anti-germânico que na época se sentia em França terá motivado reações menos positivas na audiência.

Por sinal, ainda hoje esta é uma obra controversa que divide o público. Por detrás de uma aparência clássica, esconde nuances e subtilezas que não satisfazem as mesmas expectativas de uma sinfonia convencional. Por tudo isto, e apesar de César Franck ser belga, se a música tiver porventura nacionalidade, pode-se sugerir que esta seja uma sinfonia francesa, de pleno direito.

Textos de **Rui Campos Leitão**

João Moreira Trompete

João Moreira, natural de Cucujães, Oliveira de Azeméis, iniciou os seus estudos musicais na Academia de Música de Oliveira de Azeméis, com o professor Jaime Barbosa. Estudou na Escola Profissional de Música de Espinho, na classe de Sérgio Charrinho, prosseguindo com o mesmo professor na Academia Nacional Superior de Orquestra, onde se licenciou. Concluiu o Mestrado em Performance em 2012 com o trompetista de referência Matthias Höfs, na Hochschule für Musik und Theater, em

Hamburgo (Alemanha). Enquanto solista, já se apresentou a solo com a Orquestra MusicAeterna (Perm, Rússia), com a Orquestra Sinfônica Académica de Rostov (Rostov-on-Don, Rússia) e com a Orquestra Clássica do Sul.

Foi vencedor do 1.º Prémio / Nível Superior do Prémio Jovens Músicos. Nos Estados Unidos da América foi galardoado com o 2.º Prémio do Concurso ITG (International Trumpet Guild), na Classe de Solista e em Excertos de Orquestra. Foi ainda vencedor do

1.º Prémio do Concurso Terras La-Salette (níveis Junior e Sénior).

Entre 2012 e 2017, foi Trompete Solo na Orquestra MusicAeterna, em Perm (Rússia), com o maestro Teodor Currentzis, onde tocou em inúmeras salas e festivais de renome internacional. Foi trompete Solista A na Orquestra Clássica do Sul de 2017 a 2019. Atualmente, é trompete Solista B na Orquestra Metropolitana de Lisboa.

Sara Maria Dias Corne Inglês

Natural de Macau, Sara Maria Dias iniciou os seus estudos musicais em 2001 no Conservatório de Música de Sintra, no curso de piano, tendo depois, em 2004, iniciado o estudo de oboé com Óscar Viana. Em 2007 ingressou no Conservatório Nacional de Lisboa no curso de piano, com Daniela Ignazzito, dedicando-se ainda ao estudo de oboé, como segundo instrumento, na classe de Luís Marques. Em 2010 continuou a sua formação no Conservatório – Escola de Artes da Madeira, Eng. Luiz Peter Clode, em piano, com Robert Andres, e em oboé, com Louise Whipham, tendo concluído em 2012 o Curso Complementar de Piano, equivalente

ao Curso Secundário de Música.

Licenciou-se na Academia Nacional Superior de Orquestra em oboé em 2016 com os professores Pedro Ribeiro e Sally Dean. Em 2018, concluiu o mesmo grau em Direção Coral e Formação Musical na Escola Superior de Música de Lisboa.

No ano letivo 2018/2019 ingressou, como aluna de Erasmus, na *Musikhochschule Lübeck*, na classe de Diethelm Jonas. Sob a orientação do professor Ricardo Lopes, concluiu em 2019 o Mestrado em Interpretação Artística, na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo.

Participou em masterclasses de oboé com Nelson Alves, Thomas Indermühle,

Christian Wetzel, Samuel Bastos, Diethelm Jonas, Stefan Schilli, Louise Pellerin, Omar Zobili, Luis Pérez, Peter Veale e Tjadina Würdinger. Colaborou com diversas orquestras, entre as quais a Orquestra Clássica da Madeira, a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Metropolitana de Lisboa e a Orquestra Sinfónica do Porto.

Atualmente frequenta o Mestrado em Ensino da Música na Escola Superior de Música de Lisboa. É professora na Academia de Música de Alcobaça e na Escola Profissional Metropolitana. É instrumentista *freelancer* em várias orquestras nacionais.

Vitor Vieira Violino

Vitor Vieira é membro do Quarteto de Cordas de Matosinhos (QCM) e do Sond'arte Electric Ensemble e professor na Escola Superior de Música, Artes e Espetáculo do Porto e na Academia de Música de Lisboa. Tem vindo a apresentar-se com o Quarteto de Cordas de Matosinhos nas principais salas e festivais de música em Portugal e a colaborar com conceituados instrumentistas portugueses (como Pedro Burmester, António Rosado, Miguel Borges Coelho, Mário Laginha, Pedro Carneiro, António Saiote e Paulo Gaio Lima) e estrangeiros (como Maté Szucs, Tatjana Masurenko e Lazlo Fenyó). Selecionado pela European Concert Hall Organization como agrupamento Rising Star da temporada 2014/15, o Quarteto de Cordas de Matosinhos realizou uma tournée de dezasseis concertos em algumas das mais importantes salas de concerto europeias, tais como o Barbican Center em Londres, o Concertgebouw em Amsterdão e o

Musikverein em Viena.

Vitor Vieira estudou com os professores Alberto Gaio Lima, Aníbal Lima e com Gerardo Ribeiro, de quem foi também assistente na Northwestern University (Chicago). Participou em masterclasses com os professores Alexei Mikline, Sergey Kravchenko, Eduard Wulfson e Mauricio Fuks. Realizou estudos especializados de quarteto de cordas com Rainer Schmidt, violinista do Quarteto Hagen, e trabalhou com membros dos quartetos Alban Berg, Lasalle, Melos, Emerson e Vermeer.

Vitor Vieira foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Obteve o Primeiro Prémio em Violino, nível médio e superior, no concurso Prémio Jovens Músicos da RDP. Foi também vencedor do concurso para cordas Samuel Thaviu, em Evanston, e da Concerto Competition da Northwestern University. Apresentou-se a solo em algumas das principais salas do país, nomeadamente nos grandes auditórios da Fundação

Calouste Gulbenkian, do Centro Cultural de Belém, da Culturgest e da Casa da Música com a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Nacional do Porto, a Orquestra Metropolitana de Lisboa e a Orquestra de Câmara Portuguesa.

Vitor Vieira é um entusiasta da música contemporânea, tendo trabalhado proximamente com compositores como John Adams e Karin Renquist. Com o Quarteto de Cordas de Matosinhos estreou obras de vários compositores portugueses, como Carlos Azevedo, Carlos Guedes, Fernando Lapa, Vasco Mendonça, Miguel Azguime, Eurico Carrapatoso, António Chagas Rosa, Nuno Côrte-Real, António Pinho Vargas, Álvaro Salazar, Sérgio Azevedo, Paulo Ferreira-Lopes, Eduardo Patriarca, Telmo Marques, Fernando Valente, Igor Reina, Filipe Lopes, Luís Soldado, Adérito Valente, Francisco Monteiro e Mário Laginha.

Jean-Marc Burfin Maestro Titular da Orquestra Académica Metropolitana

Entra em 1983 para o Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, onde obtém, em junho de 1987 e por unanimidade do júri, o 1.º prémio de Direção de Orquestra na classe de Jean-Sébastien Béreau depois de ter feito os seus estudos nos Conservatórios de Nancy, Metz, Estrasburgo e Reims.

Durante as masterclasses que frequenta,

é encorajado pelos seus mestres Franco Ferrara, Charles Bruck, Pierre Boulez e Vitaly Kataev. Diplomado pela Academia de verão do Mozarteum, em Salzburgo, é convidado para dirigir a Orquestra do M.I.T. de Boston em 1984, ao lado de Lorin Maazel.

Na sequência de um seminário internacional em Fontainebleau, é notado por Leonard Bernstein e em julho de 1987

convidado para dirigir a Orquestra de Paris.

Em 1990/1991 recebe uma bolsa franco-soviética para aperfeiçoamento dos seus conhecimentos do repertório russo com Alexandre Dmitriev, no Conservatório Rimski-Korsakov de São Petersburgo.

No Concurso Internacional de Jovens Diretores de Orquestra de Besançon em 1991 foi finalista laureado, e recebeu um

prémio especial da Orquestra da Rádio-Televisão de Moscovo através do seu Diretor Vladimir Fedosseiev.

Jean-Marc Burfin dirigiu várias orquestras, tanto em França como no estrangeiro (Colonne, Lamoureux, Pays de la Loire, Poitou-Charentes, Picardie,

Potsdam Philharmonie, Württembergische Philharmonie, Sinfónica de Oviedo, entre outras). Foi Diretor Artístico da Orquestra Metropolitana de Lisboa durante a temporada de 2003/2004.

Gravou um CD na editora Naxos, consagrado à obra de Vincent d'Indy.

Pedagogo reconhecido, é um dos raros maestros em atividade a ensinar direção de orquestra.

Atualmente é professor na Academia Nacional Superior de Orquestra e Maestro Titular da Orquestra Académica Metropolitana.

Orquestra Académica Metropolitana

A OAM estreou-se em 1993, na sequência da criação da Academia Nacional Superior de Orquestra – uma instituição única no país, destinada a formar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra. Desde o seu início, a OAM é orientada por Jean-Marc Burfin, seu maestro titular. Constituída inicialmente por menos de trinta elementos, a OAM é hoje uma formação sinfónica englobando cerca de 70 músicos. Com uma temporada que se estende ao longo de cada ano letivo, a OAM mantém uma atividade regular de ensaios e concertos, apresentando-se não só na Área Metropolitana de Lisboa como também noutras localidades do país.

Com largas centenas de concertos realizados, abrangendo um repertório que vai do Barroco à música do século XX, a OAM tem executado obras de compositores tão representativos como Bach, Haydn, Mozart, Beethoven, Brahms, Schubert, Mendelssohn, Mahler, Ravel, Debussy, Milhaud, Bartók, Hindemith, Stravinsky e Varèse, entre outros.

Para além do seu maestro titular, a OAM é habitualmente dirigida pelos alunos do Curso Superior de Direção de Orquestra. Muitos dos concertos contam com a presença de maestros convidados, tais como Jean-Sébastien Béreau, Pascal Rophé, Robert Delcroix e Brian Schembri. A OAM possibilita ainda aos alunos da Academia a apresentação regular a solo com orquestra. Teve, ainda, o privilégio de tocar com vários solistas de renome como António Rosado, Gerardo Ribeiro, Paulo Gaio Lima, Liliane Bizineche, Francine Romain, Miguel Borges Coelho, Artur Pizarro, François Leleux e, num concerto humorístico, o quarteto italiano Banda Osíris.

Entre as suas deslocações, a OAM participou no Porto 2001 Capital da Cultura, num encontro internacional de orquestras de jovens onde tocou o *War Requiem* de Britten. Fez várias digressões pelos Açores e esteve no VII Ciclo Internacional de Orquestras Universitárias, em Saragoça, e subiu ao palco do Théâtre de la Monnaie, em Bruxelas. Na presente

temporada tem agendados seis programas diferentes, participando ainda nos concertos da Orquestra Sinfónica Metropolitana.

A Academia Nacional Superior de Orquestra é uma instituição única no país, pela forma como interliga a formação com a prática musical. Especificamente destinada a preparar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra, o ensino aqui ministrado baseia-se num acompanhamento individual especializado, na prática de música de câmara e numa componente teórica complementar, sendo a Orquestra Académica Metropolitana o eixo central da formação destes jovens músicos. Os resultados pedagógicos são bem evidentes pelo número de alunos premiados em concursos de renome, pelas admissões dos estudantes aqui formados nas melhores escolas internacionais e pela alta taxa de empregabilidade destes jovens quando chegam ao mercado de trabalho.

FLAUTAS

Gonçalo Reis
Maêva Pereira

OBOÉS

João Balegas
Salomé Tomás
Rodrigo Marques

CLARINETES

Catarina Pinto
Teresa Pereira
Rui Nunes

FAGOTES

Daniela Cortez
Miriam Cunha

TROMPAS

Filipe Lopes
Helena Gabriela Santos
Lúcia Marques
Liliana Marques

TROMPETES

Rafael Simões
Sara Antunes

TROMBONES

Flávio Santos
António Ferreira
Diogo Ramos

CORNETOS

André Ponte
Rui Gil

TUBA

Guilherme Soares

TÍMPANOS

Vicente Simão

PERCUSSÃO

Tiago Rocha

HARPA

Emanuela Nicoli ¹

CELESTA

Kiran Lake

VIOLINOS

Ana Massacote
Ana Rita Almeida
André Leal
Carolina Pardal
Cíntia Sebastião
Clara Ramos
Cristiana Herculano
Diogo Mateus
Filipa Braamcamp
Francisca Bonacho
Francisco Costa
Guilherme L. Reis
Inês Avelar
Inês Marques
Inês Nogueira
João Pimenta Martins
José Ribeiro
Leonardo Guedes
Leonardo Martins
Lía Caríde
Luísa Semedo
Margarida Graça
Nuno Rodrigues
Simão Mason
Sónia Figueiredo

VIOLAS

Ana Alexandra Russo
André Teixeira
Sara Valentim
Leandro Namora
Vladimira Plugaru

VIOLONCELOS

André Alves
Rui Mota
Joana Rosa
Inês Coelho
Livia Mendes
Beatriz Correia

CONTRABAIXOS

Evanilda Veiga ¹
Jacinta Ferreira ²

¹ - Convidado (a)

² - Aluno(a) da EPM

METROPOLITANA

Diretor Executivo Miguel Honrado

Diretor Artístico Pedro Neves

Diretor Pedagógico Yan Mikirtumov

Fundadores



Ministério da Cultura

Ministério da Educação (representado pelo SE Adjunto e da Educação e pelo SE da Juventude e Desporto)

Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social

Secretaria de Estado do Turismo

Mecenas Principal



Promotores

Câmara Municipal de Caldas da Rainha

Câmara Municipal de Lourinhã

Câmara Municipal de Montijo

Câmara Municipal de Setúbal

Parceiros em 2022

Câmara Municipal de Almada

Câmara Municipal do Barreiro

Câmara Municipal de Loures

Câmara Municipal do Seixal



Parceiro Do Programa "Música E Ciência"



Patrocinador Principal



Patrocinadores



Parceiros Media



Parcerias

São Luiz Teatro Municipal | Universidade Nova de Lisboa | Biblioteca Nacional de Portugal

Cultivarte - Encontro Internacional de Clarinete de Lisboa | CMS Rui Pena & Arnaut

Instituto Superior de Economia e Gestão | Casa Fernando Pessoa

Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva | Secretaria-Geral da Educação | Fundação Oriente

Academia das Ciências de Lisboa | Museu Nacional dos Coches | Museu Nacional da Música

www.metropolitana.pt

facebook.com/metropolitana | Travessa da Galé 36, Junqueira - 1349-028 Lisboa | Tel.: +351 213 617 320

Este concerto pode ser filmado e/ou fotografado pela produção. Caso não autorize o registo da sua imagem contacte o Relações Públicas da Metropolitana no local.

Próximos Concertos

Perguntas com Resposta

SÁB 5 FEV. 17H00

REITORIA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
CAMPUS DE CAMPOLIDE

Orquestra Metropolitana de Lisboa

À conversa com **Catarina Furtado**

Atores: **Catarina Rabaça, Rodrigo Cachucho**

Encenação: **João Reis** / Maestro: **António Saiote**

Charles Ives *The Unanswered Question*

Samuel Barber *Adagio para Cordas*

Robert Schumann *Abertura, Scherzo e Finale*

BILHETES À VENDA - 15€

Ticketline e locais habituais

Mistério do Funchal

SEX 11 FEV. 19H00

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Maestro: **Paul Daniel**

Johann Sebastian Bach *Concerto Brandeburguês N.º 1*

António Pereira da Costa *Concerto Grosso N.º 1**

Franz Schubert *Sinfonia N.º 6*

BILHETES À VENDA - 15€

Reservas / Informações: Ligue 1820 (24 horas) / 21 361 73 21

Ticketline e locais habituais